

Aldeias de Montanha - Ecossistema Criativo e Comunitário

Categoria: Portugal + Próximo dos Cidadãos

Designação do projeto: Aldeias de Montanha- Ecossistema Criativo e Comunitário

Programa financiador: Programa Centro 2020

Data de início: 01/01/2019

Data de fim: 19/12/2023

Custo elegível: €871.018,21

Valor financiado: €740.365,47

Taxa de cofinanciamento: 85%

Beneficiário: ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA REDE DE ALDEIAS DE MONTANHA – ADIRAM

Localização: Centro

Website: <https://www.aldeiasdemontanha.pt/pt/>

Resumo do projeto: O projeto Aldeias de Montanha – Ecossistema Criativo e Comunitário, promovido pela ADIRAM enquanto projeto-âncora da EEC PROVERE iNature (Eixo Experimentação – Aldeias do Conhecimento), transformou 27 aldeias das serras da Estrela e Gardunha num laboratório vivo de desenvolvimento sustentável de base comunitária, respondendo diretamente aos desafios da baixa densidade e do despovoamento. Articulando a cooperação entre 9 municípios, redes de conhecimento, empresas e a população local, a intervenção concretizou-se num Plano de Ação estruturado em três pilares complementares. No pilar da Inovação e Empreendedorismo, implementou a primeira Rede de Coworking Rural em Portugal, regenerando edifícios devolutos com design contemporâneo km0 e princípios de economia circular em cocriação com artesãos locais e comunidades; dinamizou o projeto Queijeiras, uma iniciativa pioneira de empoderamento feminino e salvaguarda do ecossistema de montanha; e lançou a plataforma O Lugar, instrumento de financiamento participativo para mobilizar a diáspora e fixar investimento no território. No pilar da Animação Territorial, evoluiu o calendário de Festas de Montanha para um ativo turístico sustentável nas vertentes ambiental, social e económica, cruzando o saber tradicional com a transferência de conhecimento. Por fim, o pilar de Comunicação e Marketing consolidou a atração de talento, investigadores e novos residentes. Em suma, o projeto demonstrou uma aplicação

exemplar e eficiente dos fundos europeus ao afirmar este território como um modelo reprodutível de transição ecológica, coesão social, governança participativa e competitividade territorial de base local.

Impactos e resultados do projeto: O projeto gerou impactos estruturantes nas 27 Aldeias de Montanha através de um modelo sustentável, inovador e participativo. No pilar da governança e coesão, consolidou uma rede colaborativa entre 27 aldeias, 9 municípios, empresas, universidades e comunidades. Na inovação social e atração de talento, criou a primeira rede de coworking rural em Portugal (4 espaços e 1000 reservas em 4 anos) e estruturou a plataforma O Lugar, hoje em fase de disseminação como ferramenta transversal de financiamento participativo e cidadania ativa. No desenvolvimento económico de base local, o projeto Queijeiras deu visibilidade e homenageou 44 mulheres de 9 concelhos como grandes embaixadoras do Queijo Serra da Estrela, uma fileira com um volume de negócios >3,5 M€ e reconhecida entre os melhores queijos do mundo. Distinguida pelo Presidente da República no Dia Internacional da Mulher de 2022, a iniciativa mobilizou a sociedade civil e parcerias privadas (livro com apoio da Fundação Vodafone) para criar um fundo de rede focado no empoderamento das queijeiras. O projeto alavancou ainda um financiamento nacional suplementar de 105.730,80 € para a Rota de Visitação às Queijeiras, articulada com instalações artísticas nos 9 concelhos. Na promoção territorial, 19 ações integradas de comunicação e animação posicionaram a região globalmente, resultando na distinção de Duas Aldeias de Montanha, Manteigas e Loriga como Best Tourism Villages pela Organização Mundial do Turismo (2023 e 2025). Por fim, demonstrou uma aplicação exemplar dos fundos europeus ao mobilizar 2.896.353,91 € de investimento privado elegível, gerando um efeito multiplicador de 3,33 e garantindo a sustentabilidade pós-projeto e a fixação de valor no território.

Características mais diferenciadoras e inovadoras do projeto: A principal inovação do projeto reside no modelo de Laboratório Vivo, cruzando património e saberes ancestrais com design contemporâneo, ciência e economia circular. Na inovação territorial, destacou-se pelo pioneirismo do trabalho partilhado no mundo rural, com design de proximidade (km0) e reutilização circular de materiais. Na inovação social, o projeto Queijeiras rompeu com modelos assistencialistas, criando uma dinâmica de empoderamento feminino de base comunitária que integra o setor produtivo tradicional com novas linguagens artísticas e itinerários culturais.

Na atratividade territorial, redefiniu as celebrações locais (alinhadas com os ODS), convertendo festividades comunitárias em ativos turísticos co-criados com a população. Além da dimensão festiva, estas festas cumprem uma função estratégica de teste, experimentação e validação em contexto real, permitindo aos empreendedores testar modelos de negócio e MVPs (Produtos Mínimos Viáveis) junto do público.

No plano participativo, introduziu o financiamento colaborativo para envolver a diáspora na sustentabilidade das aldeias. A rede construída reforçou a governação de proximidade, demonstrando o efeito multiplicador dos Fundos Europeus ao colocar as comunidades no centro da transformação sustentável dos territórios.

Demonstração de como o projeto será sustentável ambiental e economicamente para o futuro: A sustentabilidade futura do projeto assenta num modelo de capacitação comunitária e

liderança territorial. Na dimensão económica e institucional, a continuidade é blindada pelo reconhecimento da Rede como Estratégia de Eficiência Coletiva (EEC PROVERE Aldeias de Montanha 2030), consolidando-a como marca de credibilidade na mobilização de fundos e atração de investimento privado, como comprova o recente financiamento da Fundação "la Caixa" / BPI. A dinamização dos micro-negócios e fileiras locais mantém-se ativa pela autonomização dos atores territoriais. Na dimensão social, a continuidade assenta no sentimento de pertença: as comunidades e associações assumem a gestão direta das iniciativas e celebrações, eliminando dependências externas sob a lógica de capacitar para auto-gerir, promovendo a cidadania ativa e a coesão. Na dimensão ambiental, o projeto inverte o paradigma ao afirmar a matriz da aldeia como o berço da sustentabilidade, posicionando o mundo rural como líder e orientador, e o urbano como seguidor. A aplicação de práticas de economia circular, pegada reduzida, design km0 e preservação dos ecossistemas faz parte da matriz identitária. Trata-se de um ecossistema autossustentável, resiliente e replicável, onde a maturidade da rede colaborativa garante a perpetuidade das transformações socioeconómicas.

Intervenção ou envolvimento dos públicos com o projeto: A cocriação comunitária constitui o principal fator diferenciador da Rede de Aldeias de Montanha. Sob uma metodologia de Living Lab, superou-se a lógica tradicional de intervenção, integrando residentes, pequenos produtores, IPSS, autarquias, academia e o tecido empresarial na identificação de desafios e cocriação de soluções.

A estratégia de mobilização articulou dois públicos-alvo fundamentais: as comunidades locais e o público externo de matriz urbana. Ao atrair investigadores, nómadas digitais, turistas, empresários e potenciais investidores, o projeto estabeleceu uma ponte entre o mundo rural e o urbano. Esta convergência gerou novas oportunidades de investimento e empreendedorismo, desconstruindo a narrativa associada ao interior, de abandono e declínio, para afirmar as Aldeias de Montanha como territórios atrativos, competitivos e de futuro.

A adesão concretizou-se através das Festas de Montanha, Eco Aldeias com Arte, Projeto Queijeiras, plataforma O Lugar, rede Cowork e sessões de design thinking.

Mais do que dinamizar atividades, o projeto capacitou os atores locais e atraiu novos agentes económicos. O envolvimento colaborativo consolidou uma cultura de participação e cooperação que vai perdurar para além do período de financiamento, tornando esta rede humana, mas também económica o grande legado do projeto.

Potencial de transferibilidade do projeto: O projeto foi concebido como um modelo de desenvolvimento territorial replicável e escalável para regiões de baixa densidade em territórios de Montanha. Mais do que replicar ações isoladas, a sua principal transferibilidade reside na metodologia de governação colaborativa e no ecossistema Living Lab, que coloca as comunidades, empresas, academia e autarquias no centro da inovação social e da valorização dos recursos endógenos.

Esta metodologia, já validado em contexto real, responde a desafios demográficos e económicos estruturais como o despovoamento e o envelhecimento. Soluções como a rede Cowork @ Aldeias de Montanha, o projeto Queijeiras, a plataforma O Lugar, as Festas de Montanha e os modelos de cocriação comunitária demonstram como é possível desconstruir o estigma do declínio rural, convertendo territórios periféricos em polos atrativos para residentes, nómadas digitais, empresários e investidores.

A capacidade de adaptação a outras geografias assenta na flexibilidade do modelo, que respeita as identidades locais em vez de impor soluções padronizadas.

A integração da Rede em projetos europeus, parcerias científicas e fóruns internacionais permitiu a codificação e disseminação destas boas práticas. O projeto prova, assim, ser uma solução com maturidade, pronta a inspirar outros territórios rurais na transição para ecossistemas sustentáveis, competitivos e orientados ao futuro.